



GT12 - Currículo – Trabalho 1172

“A PONTA DO ICEBERG ESTÁ SENDO DISPUTADA”: JUVENTUDE, CURRÍCULO E DIFERENÇA

William de Goes Ribeiro – UFF / UERJ

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

Este texto discute juventude como um elemento nas políticas culturais, as quais se dão em múltiplos contextos. Argumenta que o jovem é produzido reiteradamente em práticas curriculares através dos seguintes deslocamentos: jovem é um sujeito social na condição política, não antecedente às demandas; juventude é e não é uma palavra, já que, uma vez discurso, mobiliza ações, instituições, afetos, enfim, elementos extralinguísticos que se constituem na significação de maneira indissociável. O universo empírico deste trabalho é analisado a partir dos sentidos mobilizados por um congresso realizado em universidade no contexto de *impeachment* da presidenta e das ocupações das escolas no Brasil. O estudo vem se configurando no campo do currículo, sobretudo, em diálogo com Laclau, Derrida, Bhabha, Lopes, Macedo e Leite. Viso, conforme Derrida, não apenas inverter a polaridade política, enclausurando *o jovem* em um sistema fechado; mas situar-me simultaneamente no deslocamento, o qual deixa sempre viva a pergunta a respeito do que é ser jovem, procurando compreender os mecanismos de poder mobilizados na fronteira.

Palavras-chave: currículo; juventude; diferença.

Introdução

Atualmente, a temática da juventude vem sendo debatida nas pesquisas em educação¹, hibridizando sentidos que enfatizam, de alguma forma, a questão da diferença². Leite (2015) realça que após a *virada linguística*, tomando como referência o clássico texto de Stuart Hall³, a fundamentação biológica pode até preservar o seu apelo, mas dificilmente irá desconsiderar os fatores de ordem cultural. O debate (inter)

¹ Identificamos que a ênfase no campo se concentra em estudos sociológicos (SANTOS, 2008).

² Neste trecho, considero sentidos que tomam *diferença* e diversidade como intercambiáveis, uma vez que, em um sistema fechado de relações *entre*, diferença/ s depende/ m sempre de uma similaridade que a/ s antecede/ m (BURBULES, 2012). Seguindo uma abordagem pós-estrutural, assumo no decorrer deste texto as inspirações derridianas, a partir das quais *differánce* se refere a um movimento do diferir e, ao mesmo tempo, o adiamento do significado.

³ Cf. HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, jul. / dez. p. 15-46, 1997.

geracional está inserido nesse contexto da contemporaneidade (FLEURI, 2006). Para o referido pesquisador, raça/etnia, gênero, sexualidade, *diferença* geracional, intelectual ou motora deslocam as discussões em educação para a interculturalidade, pondo em tensão o caráter pretensamente assimilacionista de uma suposta “cultura comum” como horizonte último da formação escolar.

Com efeito, a palavra *jovem* tem sido empregada para se referir a um sujeito social plural (CARRANO, 2008; CORTI e SOUZA, 2004; DAYRELL, 2003, 2007; SPOSITO, 2009), considerando tanto estruturas desiguais quanto formas diversas de se viver *a condição juvenil*. Nesse sentido, reivindica-se a produção de *conhecimentos* que contribuam para a emancipação das relações de subordinação (CORTI e SOUZA, 2004; SPOSITO, 2009). A ênfase recai, não raras vezes, para a falta de reconhecimento do *mundo juvenil*, já que os jovens não são apenas alunos, tampouco fruto de uma transição para a vida adulta, mas sujeitos que possuem *uma relevância em si mesmo* (CORTI e SOUZA, 2004). Carrano (2008), dentre outros aspectos, ressalta a incomunicabilidade na instituição escolar, questionando o currículo por ser distante da realidade. O referido autor salienta que a expansão da escolaridade não vem tendo os investimentos necessários. Além disso, permanecem inadequadas as articulações curriculares, já que não acolhem as expectativas de aprendizagem e de sociabilidade dos jovens estudantes, sobretudo os das camadas populares.

Considerando o exposto, no que tange à relação “escola e juventude”, uma das discussões priorizadas no campo dos *estudos do jovem* (SPOSITO, 2009), o discurso educacional tem atribuído algumas ênfases concernentes⁴: à limitação da categoria aluno/ estudante para dar conta do sujeito; à valorização da participação juvenil na esfera pública e escolar; à defesa de uma autonomia dos jovens no processo de escolarização; à promoção do respeito e do diálogo em relação às culturas produzidas por eles; à discussão sobre as políticas públicas, a formação de professores e o currículo, com o enfoque nas identidades culturais juvenis.

Considerando o exposto, pretendo neste trabalho por em relevo alguns pressupostos da referida discussão, argumentando que as subjetividades juvenis são produzidas politicamente. Problematizo, a partir do campo do currículo, sentidos fixos de projeções identitárias centradas em um sujeito juvenil para ser emancipado. De outra

⁴ Não tive a pretensão de fazer uma síntese do campo, apenas realçar alguns elementos em jogo.

maneira, procuro atribuir ênfase ao social como um sistema descentrado, trazendo à baila uma ressignificação do sujeito e defendendo as políticas da juventude como políticas culturais.

Enunciações concernentes à temática, mobilizadas em um contexto de debates sobre as ocupações das escolas públicas no país e sobre o *impeachment* de Dilma Rousset, compõem o universo empírico deste estudo⁵. A ideia é discutir jovem/juventude como um elemento nas políticas culturais, as quais se dão em múltiplos contextos. Em um primeiro momento, trabalho com a juventude como *um significante flutuante*, objeto de disputas políticas, destacando que o discurso não se esgota em operações linguísticas. A seguir, enfatizo a precariedade e a contingência na articulação em torno das identidades, o que considero pertinente ao debate democrático, ressaltando a ambivalência e a relação como constitutivo e a ênfase nos processos de subjetivação. Finalizo o texto salientando potencialidades da discussão no âmbito das investigações do currículo em bases pós-coloniais e pós-estruturais.

Juventude é apenas uma palavra?

A atual seção deste estudo reitera a influente discussão do sociólogo Pierre Bourdieu no campo dos estudos sobre o jovem (CARRANO, 2008; SPOSITO, 2009), procurando defender a análise da produção de sentido, sem apelar para determinismos, objetivismos e essencialismos (LOPES e MACEDO, 2011b), pensando currículo como uma prática de significação, espaço-tempo de fronteira, como enunciação e as políticas curriculares como culturais (COSTA e LOPES, 2013; MACEDO, 2006a, 2006b, 2009, 2014; LOPES e MACEDO, 2011a; RIBEIRO, 2016).

Uma das entradas no debate da juventude vem se dando por intermédio de rastros realistas. Destarte, uma boa teoria é aquela que permitirá explicar verdadeiramente *o que é* a juventude, pois *há algo lá fora* para ser explicado. Ainda que as arbitrariedades na definição de uma faixa etária sejam admitidas (LÉPORE, RAMIDOFF e ROSSATO, 2014), e que o sentido não corresponda a uma transição para a vida adulta (CORTI e SOUZA, 2004), juventude remete às fases da vida,

⁵ Para o atual trabalho, priorizei as enunciações da mesa de abertura do evento. Resumos dos estudos apresentados, vídeos com as gravações das apresentações, seleção de materiais de divulgação, dentre outros estão em processo de análise.

considerando a experiência humana produzida pela vivência de uma linearidade biológica. Em tal configuração, frequentemente, é naturalizada a ideia de um “desenvolvimento” no qual o adulto é reconhecido como “referência de maturidade”⁶, o que possibilita implicações adultocêntricas (LEITE, 2010, 2015).

Nesse sentido, a representação do jovem é tomada como *presença* (DERRIDA, 2011a), ou seja, a linguagem torna-se veículo do *estar presente à consciência*, o que permite (des) construir estereótipos, produzindo a juventude como a fase da rebeldia, da melancolia, da dúvida, do conflito, da irresponsabilidade, da moratória, da crise de identidade, como no clássico livro de Erikson (1976)⁷:

A juventude de hoje não é a juventude de há vinte anos. Outro tanto diria qualquer pessoa mais velha, em qualquer ponto da história, pensando que era algo novo e verdadeiro. Mas o que pretendemos aqui dizer é algo muito específico relacionado com as nossas teorias. Pois enquanto que há vinte anos sugeríamos cautelosamente que alguns jovens poderiam estar sofrendo de um conflito de identidade mais ou menos inconscientes, um certo tipo diz-nos hoje, em termos convictos e com a exibição espetacular do que outrora considerávamos um segredo íntimo, que sim, que eles têm, de fato, um conflito de identidade – e ostentam-nos nas mangas, sejam elas *eduardianas* ou de couro. Confusão de identidade sexual? Sim, de fato; por vezes, quando o vemos caminhando na rua, é impossível dizer, sem uma investigação indelicada, quem é o rapaz e quem é a moça. Identidade negativa? Oh, sim, eles parecem querer ser tudo o que ‘a sociedade’ lhes diz que não sejam; nisso, pelo menos, eles se mostram ‘conformes’ (p. 25).

Tais representações têm sido problematizadas em múltiplos estudos sociológicos. Estas pesquisas têm colocado em xeque operações de poder e de subordinação que conduzem a perspectivas adultocêntricas, contribuindo para a ressignificação da experiência juvenil (CARRANO, 2008; CORTI e SOUZA, 2004; DAYRELL, 2003, 2007; SPOSITO, 2009). Por esta via, são questionadas as desigualdades em uma tentativa concomitante de promoção de diálogos com a diversidade cultural. Assim, reconheço a contribuição em discutir o caráter questionável da universalização da juventude. Problematiza-se a homogeneização, os preconceitos, a discriminação, os estereótipos, a falta de comunicação, isto é, rastros da ausência de diálogo e do desrespeito com relação às *culturas juvenis*.

⁶ Por exemplo, no discurso da UNESCO e da Conferência Mundial da Juventude.

⁷ Segundo Leite (2010), trata-se de um autor que influencia nos anos sessenta/ setenta os sentidos de juventude, cunhando termos como *moratória* e *crise de identidade*. Dayrell também chama a atenção para teses brasileiras influenciadas pelo psicanalista (SPOSITO, 2009).

Todavia, ao tratar as culturas juvenis como “significados compartilhados” já dados (o que em algum momento pressupõe grupos definíveis), acaba por amparar uma perspectiva do diverso, insistindo em identidades/ em um sujeito para ser emancipado (MEYER, 2014), sem que nem a identidade” e nem “o diálogo” sejam problematizados. Assim, os estudos da juventude tendem a sustentar-se em um sistema fechado, produzindo outro modelo essencialista, este de ordem cultural. Ou seja, o discurso supõe suturadas as identidades juvenis, passíveis de serem conhecidas pelo outro, pelo analista acurado. Em diálogo com autores como Bhabha, Appadurai, Derrida, Laclau, Lopes, Macedo e Leite, dentre outros, saliento que os “estudos sobre o jovem” tendem a ignorar os processos de hibridização, a ambivalência, os fluxos de poder, as negociações de sentido, a alteridade, a configuração relacional e política na constituição do sujeito. Como efeito, é a diferença que é posta para a margem (MACEDO, 2009).

Não desconsidero os problemas que trazem à tona: o desemprego e outros dilemas sociais ligados ao trabalho; a demanda pela continuidade da escolarização; a retomada deste processo, no caso da EJA; dentre outras solicitações/ exigências postas em debate. Tais aspectos nos interpelam, inquietam, são/ geram efeitos. No entanto, não vejo como necessário que as lutas juvenis estejam baseadas em um sujeito predefinido academicamente, o que acaba por implicar em uma dimensão regulatória (FREITAS, 2015; LEITE, 2010, 2015). Penso ser problemático sustentar a crença de que há um sujeito autossuficiente (iluminado?), pondo as pesquisas para fora do fluxo do poder (RIBEIRO, 2016). A democracia não se faz com a totalidade do social controlada conscientemente, conforme vem defendendo autores como Costa e Lopes (2013), Lopes (2016), Lopes e Macedo (2011a, 2011b), apenas para citar alguns exemplos.

Assim, desloco as pesquisas dos sentidos de juventude desejáveis para a compreensão do que se está produzindo no discurso, pondo sob suspeita questões que projetam identidades prévias *para os outros*. Colocar sob suspeita não é dizer que os projetos são os mesmos, que tudo é relativo etc. Trata-se de deslocar o estudo para as fronteiras, buscando compreender os processos de enunciação (MACEDO, 2006a, 2006b, 2009), os quais, a meu ver, desdobram constantemente os sentidos de jovem/ de adulto, guardando rastros de hierarquizações, mas também as possibilidades subversivas. No jogo de linguagem, pelo menos um corte antagônico se faz necessário, sem o qual não haveria discussão. Porém, as fronteiras de corte etário têm se mostrado

cada vez mais arbitrárias e manipuláveis⁸. Conforme destaque na seção seguinte, as disputas políticas *pelos jovens* tornam-se acirradas atualmente.

Talvez o problema nem seja se há ou não “fases da vida”⁹, mas se há uma condição juvenil que não seja discursiva. Esta é a via por onde pretendo explorar a argumentação, pois jamais teremos acesso ao outro. Não compreendemos o sentido completo da palavra do outro, conforme argumenta Lopes (2016). Mas, é inevitável responder à alteridade, em negociação ambivalente de sentidos com ela (BHABHA, 1998, 2013), o que nos desloca constantemente (COSTA e LOPES, 2013). Juventude, nesse sentido, jamais será totalmente conhecida; sendo, como todo sentido de unidade identitário, da ordem do imaginário (APPADURAI, 2004).

Bourdieu (1983) destaca a arbitrariedade dos recortes etários e o quanto eles são manipuláveis em distintos contextos. Assim, inaugura uma provocação que tem sido retomada nos estudos da juventude (SPOSITO, 2009). O que está em jogo, para o sociólogo, é o questionamento da universalidade e o seu viés ideológico; mas, o autor, na entrevista, enfatiza questões de classe, terminando a análise com “duas juventudes”. Esta seção retoma o debate: quiçá a relevância esteja exatamente na condição arbitrária. É a disputa e a tentativa de preenchimento do significante que mobiliza a ação política, a partir do qual o sujeito se constitui, não o contrário.

Portanto, se juventude é apenas uma palavra, ela não depende de uma dicotomia prévia e/ ou resultará em um binarismo; não se trata de uma fundação (COSTA e LOPES, 2013; LACLAU, 2013), a qual negaria a multiplicidade de sentidos (DERRIDA, 2011a, 2011b). Os citados autores me ajudam a inferir que a palavra não prescinde de uma articulação necessária. No entanto, também pretendo salientar que juventude, por ser disputada, não pode ser *apenas* uma palavra: produz ações, intenções, pesquisas, recursos... enfim, se constitui como discurso, no qual elementos linguísticos e extralinguísticos se articulam contingencialmente (LACLAU e MOUFFE, 2015).

Considerando o explicitado, entendo juventude como um significante flutuante, o qual opera como um discurso *sobre* o jovem. Seja reiterando estereótipos, seja pleiteando demandas articuladas em lógicas de equivalências (LACLAU e MOUFFE, 2015; LACLAU, 2013), configura-se um jogo no qual a identificação se constitui, nos

⁸ Cf. Léopore, Ramidoff e Rossato (2014).

⁹ Em outras palavras, não desejo e também não me vejo em condições de negar o biológico.

fluxos de poder; o que configura um conteúdo imaginado, um sentido de unidade que alguns pesquisadores não desejam perder de vista (SPOSITO, 2009), embora tal sentido precise ser reiteradamente produzido (BHABHA, 1998, 2013; DERRIDA, 2011a, 2011b). Ainda que sejam poucas as pesquisas que se debruçam sobre a questão em uma abordagem discursiva e pós-estruturalista (FREITAS, 2015; LEITE, 2015; SANTOS, 2008), defendo a pertinência do debate, ressignificando o enfoque das identidades para as fronteiras, para a hibridização e para os processos de subjetivação por meio dos quais se exerce o poder.

No contexto das ocupações e das ameaças à democracia...

O *II Congresso Diversidade Cultural e Interculturalidade de Angra dos Reis*¹⁰, priorizou a temática¹¹, investindo sentidos nos jovens protagonistas, em um cenário político conturbado. Assim como a 38ª Reunião da ANPEd, o congresso destaca a conjuntura atual e as ameaças à democracia pelas *mudanças temerosas*¹². O evento foi realizado pelo Instituto de Educação de Angra dos Reis e pela Universidade Federal Fluminense, contando com parcerias, como: Sindicato dos Profissionais da Educação – SEPE, Grupo de Consciência Negra – Ylá Dudu, Fórum EJA Sul Fluminense, Fundação de Cultura de Angra dos Reis – CULTUAR, Coletivo de Estudantes Negros da UFF/IEAR – UBUNTUFF, dentre outras.

Nesse contexto, a decisão por focar a juventude não se deu ao acaso, mas movida por uma ambivalência em que tristeza/ medo e esperança/ luta/ renovação se articulam ao discurso:

E quando a gente sofre um golpe tenta se levantar... com toda clareza. E nessa tentativa de se te se levantar a gente tem encontrado coisas como essa. Quer dizer, a luta, a luta continuada, enfim das identidades desse país que foram discriminadas, segregadas. As lutas renovadas da juventude, ressignificando a escola ... eu costumo dizer que estamos numa sociedade viva, uma sociedade ativa. Então, estou oscilando. Tem hora que eu me sinto muito deprimido com isso tudo ... eu fico deprimido quando olho para as grandes questões nacionais. Mas, quando eu olho para as lutas cotidianas, com esse enfrentamento que tem que fazer, eu me renovo (Paulo Carrano, conferencista na palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

¹⁰ Realizado em novembro de 2016.

¹¹ “Protagonismo e participações juvenis na contemporaneidade”.

¹² Enfoque proposital.

Na ocasião, o movimento das *ocupações das escolas* chamava a atenção, representando para alguns de nós *um norte que renova* as lutas democráticas. Assim, as ocupações se tornaram apostas¹³.

O movimento estudantil aqui em Angra dos Reis começou no dia em que se iniciou a greve dos professores... que foi em maio. A partir desse dia participamos em passeatas e conseguimos nos conhecer. Ao ver nossas escolas caindo aos pedaços, ao ver nossos professores sem estrutura para dar uma boa aula, cria revolta dentro da gente. Com a passeata conseguimos nos conhecer. Só que com a passeata não estava adiantando. Decidimos por uma atitude mais drástica. Foi aí que os estudantes do CIEP 502 resolveram ocupar as escolas. Foi a primeira escola ocupada. A gente ocupou sem ajuda... sem ajuda não, sem influência partidária, ou entidades, ou sindicatos, foi um movimento dos estudantes e pelos estudantes [palmas e manifestações de aprovação no auditório] (estudante secundarista da rede estadual em Angra dos Reis, palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

A legitimidade deste movimento foi mencionada na Mesa de Abertura composta pela estudante secundarista, por uma representante quilombola da região¹⁴, pelo conferencista, pesquisador no campo da sociologia da juventude, e pela mediadora, graduanda em Pedagogia da UFF, também apresentada como membro do coletivo de estudantes Ubuntu¹⁵. Carrano se referiu ao *discurso da Ana Júlia* como um exemplo que articula à cidadania uma dimensão formal e integrada¹⁶:

Vocês viram a fala da menina Ana Júlia? Depois foi desqualificada porque, enfim, o pai dela era de um partido, uma bobagem. Agora quando aparece a filha de alguém de um partido que também rouba no ENEM, ninguém fala do partido do pai, mas quando se trata do partido do pai da Ana Júlia pode falar, enfim este é outro assunto. O que ela fez para argumentar com aqueles deputados tão pouco animados com a presença dela? Ela usou o ECA, ela citou a LDB, citou os direitos da juventude, citou o Estatuto da Juventude. Então, é importante a noção de cidadania como algo formal, algo integrado (Paulo Carrano, palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

Como dito, penso que o campo dos estudos sociológicos provoca sentidos de juventude estereotipados, por exemplo, concernentes à relação naturalizada entre

¹³ Fragmentos recorrentes proferida por uma *jovem* no congresso, destacando a natureza apartidária das ocupações.

¹⁴ Ela se apresentou como membro do Conselho de Igualdade Racial, como membro do Conselho Municipal de Educação de Angra dos Reis, como integrante do Fórum das comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, caiçaras), como formadora em uma escola quilombola (Escola Municipal Euclides da Gama/ Quilombo Santa Rita do Bracuí) que dialoga com a educação diferenciada.

¹⁵ Movimento de estudantes negros da UFF. Segundo enunciado por uma estudante do curso de políticas públicas na conferência, membro integrante deste movimento, Ubuntu é uma palavra de origem *Yorubá* que significa “sou pelo que somos”, uma filosofia de comunidade.

¹⁶ Discurso *realizado por* uma jovem estudante secundarista na tribuna da Assembleia Legislativa do Paraná, Curitiba, em defesa do movimento de ocupações das escolas públicas no Brasil.

“jovem pobre e violência” (SANTOS, 2008), apontando para outras direções, as quais se distanciam de sentidos relativos à crise, à irresponsabilidade, à moratória, à transição para a vida adulta, à alienação política, à rebeldia sem causa etc. Os sentidos se voltam para a participação política, cidadã e democrática, não por acaso tomando o movimento das ocupações¹⁷ como um ato revolucionário¹⁸, sendo o enfoque deslocado, em alguns momentos, *do diferente para a diferença* (MACEDO, 2014).

Assim, tais estudos não estão fora das políticas culturais. Como dito antes, ainda que problematize os rótulos, o campo permanece em um sistema fechado com base na ideia de “significados compartilhados”. Diferentemente, conforme nos lembra Bhabha (1998), o que aponta para o futuro é sempre um tocar *o lado de cá*, uma disputa em um presente estendido que se dá nos interstícios da enunciação, disputa esta que não acontecerá em definitivo no campo acadêmico. Não é porque não debateremos o suficiente para fundarmos *o perfil da juventude brasileira*, mas porque uma vez política esta será sempre uma incógnita (MEYER, 2014).

Laclau e Mouffe (2015) salientam que a militância estudantil é um dos possíveis sujeitos privilegiados para substituir a classe operária, após o histórico fracasso desta articulação como antagonismo (LACLAU, 2013; LACLAU e MOUFFE, 2015). A questão, conforme contribuem os referidos autores, é que não há nenhum ponto final, nenhuma garantia, nenhum sujeito último e privilegiado.

Num sistema fechado de identidades relacionais, no qual o significado de cada momento é absolutamente fixo, não há qualquer lugar para a prática hegemônica. Um sistema de diferenças plenamente bem-sucedido, que exclua todo o significativo flutuante, não possibilitaria qualquer articulação. A repetição dominaria toda a prática no interior do sistema (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 213).

Para os autores citados, duas são as condições para a prática hegemônica: as forças antagonísticas e a instabilidade das fronteiras que as separam, o que tem implicação na perspectiva de sujeito, já que: “a renúncia à categoria de sujeito, como entidade unitária, transparente e suturada abre caminho para o reconhecimento da especificidade dos antagonismos... e para a possibilidade de aprofundamento de uma concepção pluralista e democrática” (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 252).

¹⁷ *Ocupação Educa* será tema de um documentário do *Observatório da Juventude da UFF*, anunciado por Carrano durante o evento.

¹⁸ Notas em caderno de campo.

Freitas (2015) radicaliza as críticas, provocado por leituras foucaultianas. Apostando na *ética do cuidado de si* e na crítica às *máscaras do biopoder*, o autor citado questiona os estudos da juventude por manter rastros de uma ontologia moderna, a qual assume determinações do ser. Na perspectiva em questão, a pesquisa gira em torno de possibilidades de se adquirir conhecimento dos tipos de coisas que *existem* que seja digno de credibilidade. A resposta deságua na delimitação de princípios metodológicos a serem seguidos na investigação científica, uma situação que faz da ontologia um campo problemático de reflexão para as ciências sociais.

Isso acontece porque o ‘ser das coisas sociais’ não ‘depende de se poder ver aquilo a que se atribui existência’. Logo, as escolhas ontológicas jogam um papel central na apresentação dos resultados da observação em torno do que existe, como existe, não é função da atividade puramente constatativa (p. 222).

O referido texto questiona como as pesquisas vêm sendo pensadas, sobretudo em relação às juventudes, quando argumenta que não tem como o sociólogo se abster de problematizar o estatuto ontológico das experiências que investiga sob o risco de tornar estereótipo o campo das interrogações que ele mesmo alimenta. Em outras palavras, o pesquisador produz o jovem sobre o qual sua pesquisa é dependente, salientando o caráter performativo do campo e as disputas políticas em torno do sujeito. Às ontologias redutoras *mentalistas*, o autor propõe uma *ontologia histórica* que permite compreender que uma condicionalidade propicia uma dada forma, mas essa condicionalidade é sempre parcial e contingente.

Já Ribeiro (2016) salienta que no contexto da diversidade cultural há uma normatização de difícil percepção porque atua em um sentido moralista. Assim, a escola se torna “uma casa para hóspedes” na qual o hospedeiro é sempre uma ameaça. O currículo, conclui o referido autor, na perspectiva da identidade e da diversidade, permanece sob a insígnia do mesmo.

As disputas pela juventude como políticas culturais

Na seção anterior, procurei provocar os rastros da ontologia moderna nas pesquisas sobre o jovem. Já nesta seção enfatizo que a sociologia não está decifrando a juventude, mas disputando os sentidos, junto a outros discursos, em múltiplos contextos, como parte de uma política cultural no campo da discursividade. O que argumento é que

a disputa é pela produção de uma juventude, de um jovem desejável, o que parece atribuir ao analista a possibilidade de antever o futuro:

Eu queria concluir dizendo o seguinte. Tem um autor que nós usamos muito no nosso grupo que se chama Alberto Melucci. Um sociólogo e psicólogo italiano já falecido. Ele falou uma coisa muito importante dos jovens. Ele fala que os jovens, especialmente os jovens atores coletivos que se juntam para fazer as transformações sociais e para afirmar uma identidade, eles são a ponta de um iceberg. Uma ponta de um iceberg que esconde algo submerso, iceberg é assim. Mas, cabe a nós analistas sociais decifrar a ponta do iceberg. Se nós conseguirmos decifrar a ponta do iceberg, nós teremos uma intuição do que pode vir a ser a sociedade do futuro... A ponta do iceberg está sendo disputada. O que está por trás desta ponta? Depende de nós (Paulo Carrano, palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

Como significante flutuante, a categoria está sendo disputada a partir de um corte antagônico fluído que pode, ou não, articular demandas democráticas, dependendo da contingência histórica. Laclau (2013) tratou desta questão, enfatizando que não necessariamente os sentidos articuláveis são democráticos e/ ou de esquerda, questão esta que parece inquietar o sociólogo:

Ser cidadão é também estar imbuído dos valores democráticos. Porque se eu estou integrado, tenho direitos; se eu participo, sou ativo; e não estou imbuído dos valores democráticos, posso fazer muito estrago na democracia. O que esses meninos e essas meninas sofreram, estão sofrendo, com sujeitos de direito, integrados, geralmente brancos, muito ativos, ativos até demais e violentos, mas sem um pingão de valores democráticos é inaceitável... Nunca chamarei um grupo fascista de movimento. Sempre chamarei pelo nome: grupo fascista, grupo ditatorial, grupo autoritário, grupo machista [muitas palmas do auditório] (Paulo Carrano, palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

É compreensível que discursos sobre emancipação ocorram em meio às calorosas modificações no cenário político, articulando o significante *jovem* a demandas diversas (frente a um inimigo comum): quilombolas, indígenas, caiçaras, feministas, movimentos raciais e outros se articulam ao “Fora Temer¹⁹”. Nesse sentido, reitera a luta pela democracia:

Quero que a juventude lute e se lembre que muitos morreram para estarmos aqui hoje sentados [na universidade]. Caiçaras, quilombolas, negros, todos, que não discriminem, seja gay, seja a pessoa...gente, surreal a pessoa morrer por que falou de sua opção sexual ou de sua religião. Eu quero que todos continuem, continuamos na luta no

¹⁹ No congresso foram inúmeras as enunciações contrárias ao governo Temer, ao Desocupa e “a onda neoconservadora” no país.

quilombo...acredito na juventude, a gente está na luta, no dia-a-dia (Fabiana Ramos, palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

Penso que a discussão provocada por Laclau em várias de suas obras é suficiente para compreender que se trata de uma rede de equivalências que se estabelece articulando elementos distintos. Nesse sentido, me parece que é uma preocupação na militância: como manter a sustentação do movimento?

A primeira fala é uma coisa que questiono sempre. Quando a gente consegue organizar um processo de resistência que converge com as lutas da juventude tem um processo de esvaziamento após a intensidade das lutas. É um processo que acontece com naturalidade nos mais diversos espaços. É uma preocupação que tenho: como a gente consegue organizar um processo de resistência nos mais diversos espaços? O que a gente faz agora? (Hugo, estudante do curso de políticas públicas, membro do Ubuntu, questões postas após a palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

A incerteza da continuidade gera angústia para quem deseja continuar lutando por uma causa aderida, mas, ao mesmo tempo, nos aponta para a impossibilidade das fundações, para um ponto final na política. Trata-se da historicidade, das relações, do concreto, das articulações, das demandas, das disputas pela hegemonia discursiva, ou se preferirmos, da tentativa sempre frustrada de fixar o sentido e atribuir uma ordem discursiva em dispersão. Assim, jovens escolarizados são disputados. O que me permanece obscuro é a compreensão dos processos de subjetivação, entre os quais os discursos sociológicos e educacionais inexoravelmente participam, tanto pedagógica quanto performaticamente (BHABHA, 1998). Em que circunstâncias do discurso o jovem se torna autorreferente se, ambivalentemente, está sujeito na relação a determinadas posições políticas negociadas constantemente com os adultos?

Se a sociedade é viva, conforme ressalta Carrano²⁰, é porque o social está em fluxo, jamais será dado (LOPES, 2016; LOPES e MACEDO, 2011b). Mas, a luta pela democracia, pela escola pública e pela construção *do comum* não terminará em um ponto final: é da ordem do discurso, da relação hegemônica, da articulação em torno de equivalências e diferenças em disputa por significantes que desejamos preencher. O curioso é que tais disputas são postas para fora do currículo:

Entendo que falar da negritude, falar de nós, no espaço que por mais que seja plural e deva ser diverso e democrático... nem sempre foi assim. Diversas universidades não são assim. O processo de organização do congresso foi muito plural, horizontal. Os alunos

²⁰ Conferência de abertura do Congresso, setembro de 2016, anotações pessoais.

participaram. Para que a gente entenda que a universidade vai muito além do currículo... É também prezar pelo sentimento de pertencimento, sentimento de pertença à universidade. Entender que podemos construir muitas coisas (Ana Carolina, estudante do curso de políticas públicas, membro do UbuntuFF, questões postas após a palestra de abertura do evento, 2016, arquivo pessoal).

Assim, os sentimentos de pertencimento são postos do outro lado da fronteira, constituindo um sentido de currículo que contraria o próprio movimento das ocupações que tende a defender que *elas educam*, portanto, se constituem como políticas culturais, como significação, como prática curricular. Ou seja, o sujeito é produzido imbricado em identificações contingentes, no caso, com os professores e com a escola, tomando a escola pública como uma demanda do movimento. Destarte, em um sentido de currículo como significação e das políticas curriculares como culturais, é possível, seguindo alguns rastros, pensar nas políticas da juventude de maneira ampla, como políticas culturais disputadas em múltiplos contextos.

Nas fronteiras...

Entendendo currículo como enunciação, espaço-tempo de fronteira, procurei rever o contexto da escola (da universidade) como práticas de significação, o que possibilita estudarmos outros sentidos de juventude, currículo e diferença, desconstruindo padrões em projetos generalistas como os de um currículo nacional que projeta identidades juvenis pré-fabricadas em categorias como aluno e estudante para todos. Nesse sentido, considerar as enunciações dos jovens/ dos adultos (construídos-desconstruídos no próprio processo enunciativo) em contexto universitário/ escolar e os processos de subjetivação e de identificação juvenil no fluxo discursivo me pareceu pertinente para trazer novos elementos para a pesquisa.

Procurei ressignificar o sujeito como negociação híbrida de sentidos, como “o mesmo e o outro”, o que se dá em espaços intervalares, argumentando que o processo jamais transcende ao discurso. Nessa perspectiva, a subjetivação é efeito de relações de poder que se constituem como ato político e cultural, nas relações, entre o pedagógico de distintas tradições e os sentidos reiterados e constituídos em um contexto performático. O que implica compreender a juventude como *differancé*, simultaneamente um ato do diferir (uma fronteira entre jovens e adultos, por exemplo) e

da postergação do significado para um contexto. É a abertura da significação a condição de toda a política, conforme autores em que me baseio no campo do currículo.

Portanto, nem jovens e nem adultos são tomados como elementos pré-dados, cujos significados são apreensíveis, constituindo identidades de diferenças distintas. Não há qualquer identidade como repertório de significados, pois os sujeitos não preexistem às demandas, são efeitos de fluxos de poder; o que amplia, a meu ver, a pesquisa e nos desloca para a ambivalência das fronteiras, ainda pouco exploradas, do pós-colonial, contribuindo para a desconstrução de projetos naturalizados e estabilizações ilusórias que nos impedem de compreender outros sentidos de identificação juvenil, com uma maior abertura democrática para a diferença e para a alteridade.

Referências

- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.
- BOURDIEU, P. A Juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- _____. **Nuevas minorias, nuevos derechos**: Notas sobre cosmopolitismos vernáculos. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.
- BURBULES, N. C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. B. (orgs.). **Currículo na contemporaneidade: Incertezas e desafios**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 175-206.
- CARRANO, P. Identidades juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, A. F. M.; CANDAU, V. M. (orgs.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 182- 211.
- CORTI, A. P.; SOUZA, R. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.
- COSTA, H.H.C.; LOPES, A. C. Sobre a subjetividade/ alteridade: conversas com Derrida e Laclau nas políticas de currículo. In: TURA, M. de L. R.; GARCIA, M. M. A. **Currículo, políticas e ação docente**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 51-70.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira da Educação**, Campinas, n. 24, p. 40-52, set. / dez. 2003.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100- Especial, p. 1105- 1128, out. 2007.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2011a.

_____. **A Escrita e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2011b.

FREITAS, A. S. de. Foucault corrompe os “estudos das juventudes”: das máscaras do biopoder às figuras éticas e políticas do cuidado de si. In: LEITE, M. e GABRIEL, C. T. **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015, p. 217- 242.

FLEURI, R. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 495-520, maio/ago. 2006.

LACLAU, E. A. **Razão Populista**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, E. A.; MOUFFE, C. **Hegemonia e Estratégia Socialista**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

LEITE, M. Adolescência e juventude no ensino fundamental: *signifixações* no contexto da prática curricular. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 55-74, maio/ ago. 2010.

_____. Em desconstrução: textos e contextos na educação escolar do jovem mais jovem. In: LEITE, M. e GABRIEL, C. T. **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015, p. 321- 350.

LOPES, A. C. Currículo e políticas educacionais. Apresentação em Mesa Redonda realizada no XI Colóquio sobre Questões Curriculares, Universidade Federal de Pernambuco, agosto de 2016.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. Sobre a organização e os tradutores. In: LACLAU, E. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, , 2011b, p. 7-14.

MACEDO, E. Por uma política da diferença. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 327-356, maio / ago. 2006a.

_____. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.11, n. 32, p. 285- 372, maio/ ago. 2006b.

_____. Como a diferença passa do centro às margens nos currículos: o exemplo dos PCN. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 87-109, jan./abr. 2009.

_____. Currículo, cultura e diferença. In: LOPES, A. C.; ALBA, A. de. (orgs.). **Diálogos curriculares entre Brasil e México**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 83-104.

MEYER, E. J. F. S. **O sentido de juventude no discurso das políticas públicas curriculares para o ensino médio – MEC e Secretaria do Estado de Educação de Santa Catarina. 2014**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, W. de G. Remobilizando a pesquisa com o pós-estruturalismo. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 542-558, set. / dez. 2016.

SANTOS, P. E. P. dos. **Discursos sobre juventude e/ na escola que circulam em contextos produtores de políticas de currículo. 2008**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SPOSITO, M. P. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, vol. 1. Coordenação de Marília Pontes Sposito. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.